

PLATAFORMA

PMS	FMLI	GENIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	06/02/99	
Caderno	1 ^o	Página 6
Seção		
Assunto	Bairro	

Violência, pobreza e abandono em Plataforma

Local de Salvador onde o subúrbio parece mais próximo da área urbana, Plataforma avizinha-se ao bairro da Ribeira e acumula lembranças de um passado bucólico, embora conviva com uma história recente de violência, miséria e abandono. A imagem que lembra um presépio – se vista do Porto dos Tainheiros ou da Praia da Penha, na península itapagipana – desfaz-se rapidamente diante de uma breve visita ao local, onde se vêem ruas e praças semidestruídas, um patrimônio histórico devastado por vândalos e pelo tempo e a pobreza explícita das legiões de marisqueiros, que impõem, na maioria das vezes, a rotina diária de mar, sol e desconforto a toda a família, inclusive crianças.

Rita Conrado

Ir a Plataforma pela primeira vez, tomando-se como acesso a Avenida Suburbana, é garantia de uma grata surpresa. O percurso feito através da rodovia não dá margem a que se possa imaginar a paisagem que será descortinada aos olhos do visitante no momento em que a faixa litorânea se deixar à mostra. Um belo e mal-aproveitado trecho da Baía de Todos os Santos encanta e se destaca diante das precárias moradias. Uma incursão pelas suas vias internas, entretanto, será suficiente para que se fique a par dos problemas enfrentados pelos seus moradores, um número presumível de 40 mil habitantes. As queixas são muitas e dizem respeito, principalmente, à educação, transporte, segurança e saneamento básico, além da própria – e insegura – situação fundiária.

Os mais jovens moradores do subúrbio ferroviário de Plataforma talvez ignorem ou tenham apenas uma leve idéia da sua história, que alguns habitantes relatam, mas sem documentação. De concreto, a placa histórica da Igreja de São Brás, na pra-

ça do mesmo nome, que marca o desembarque das forças holandesas no local, em abril de 1638, a mando do príncipe de Nassau. O nada desprezível patrimônio arquitetônico – como a primeira indústria de tecidos da Bahia, as fachadas malconservadas de algumas residências, a Estação Ferroviária Almeida Brandão ou o cine-teatro – é uma prova concreta de que fatos históricos ali ocorreram. Sem falar das palmeiras imperiais, que, imponentes, mantêm-se entre a ferrovia e o mar sem ondas, como a observar, durante décadas, o cotidiano do lugar.

Mobilização

Na boca de cada um, lembranças, sonhos, histórias e até medo de perder o local de morar por causa de fatos relativos à implantação da vila. A comunidade vive uma realidade não muito clara, que, na prática, interfere diretamente há várias gerações na vida de cada um. Falar sobre a área onde se desenvolveu o bairro de Plataforma desperta senti-



Os problemas são muitos no subúrbio, mas a questão do solo é a que mais preocupa os moradores

mentos tão díspares quanto gratidão e revolta. A área ocupada pelos plataformenses – fala-se e discute-se – pertence, toda ela e mais além, à família Catharino Gordilho. Segundo a associação de moradores – a Ampla –, nada menos que 80% das famílias moram em casas e terrenos da Fábrica São Brás, o que foi aceito sem discussão à época da ocupação, mas hoje é motivo de grande mobilização.

“Não admito que se fale mal da família Catharino e sofra pressões

por isto. Todos nós fomos operários da fábrica de tecidos ou somos parentes de algum. Foi a fábrica que fez com que Plataforma se desenvolvesse”, assinala uma moradora que não se atreve a identificar-se. “Quando a fábrica existia, tínhamos direito a tudo. Comprávamos fiado comida, roupa, caixão, remédio e tínhamos creche, entre muitos outros benefícios. Catharino foi o pai de todos nós”, acrescenta. Contestando veementemente, Eulina Freitas, ela própria ex-operária, assim como o

marido, fala em exploração. “Ninguém conseguia levar dinheiro para casa. Era tudo descontado no salário e, por ignorância, ninguém reclamava”, ressalta. “Até hoje somos explorados, pois temos que pagar à família Catharino pela moradia, já que alegam ser deles toda a área de Plataforma”, destaca.

Arrendamento

O litígio com a família Catharino cria um grande transtorno aos mora-

dores, segundo Antônio Brás da Silva, nascido e criado no local há 53 anos. “Além de todos pagarem o arrendamento da terra – valores mensais de R\$ 60 a R\$ 1 mil, mesmo sem uma prova contundente de que o terreno pretence mesmo a esta família –, a prefeitura deixa de arrecadar impostos aqui e não pode interferir em uma propriedade privada, o que nos prejudica. Quem constrói aqui, não tem como legalizar o imóvel e cresce o número de construções irregulares”, diz. “A coisa chegou a este ponto, sem uma solução, porque antes a quantia cobrada era irrisória, mas há 15 anos os aumentos se tornaram arbitrários e abusivos”.

Futuro incerto

“Nem a Defensoria Pública quis pegar esta causa, somos arraia miúda. Acreditamos que estas são terras públicas. A única prova de propriedade que a família tem é uma escritura de 1932, sem o documento de origem”, ressalta Joseane Santos da Cruz, diretora da Ampla. Discussões à parte, a verdade é que todos ou quase todos os moradores de Plataforma têm uma forte relação com a antiga fábrica de tecidos. A Vila Operária permanece como lembrança de um período em que ela empregou 1.500 operários e criou o pequeno povoado à sua volta. Atualmente, não passa de ruínas que boatos já dão conta de terem sido vendidas a um grupo privado. “Parece que a área será transformada em marina, hotéis, restaurantes. O certo é que isto não será usufruído pelos moradores daqui”, sentenciou Joseane.

Comunidade quer médico, polícia e 2º grau

Lutar por um posto médico decente ou um módulo policial em condições de atender a população, sem falar do sonho de ter, no local, escolas do 2º grau, são atuais preocupações dos moradores do bairro.

O concorrido Carnaval de Plataforma, a peculiar *Festa do Bacalhau*, a feirinha que recebia mercadorias de saveiros que vinham de Nazaré das Farinhas ou de Alagoinhas, trazidas pelos trens, são lem-

branças tão tênues quanto a da comemoração paralela da Segunda-feira Gorda da Ribeira, que transcorria a mesma animação vista do outro lado da baía.

Os plataformenses têm hoje mais preocupações do que lazer, que são obrigados a buscar em outros locais, já que ali só lhes resta a pequena faixa de areia da Praia da Alvejada, onde se revezam "peladeiros" e banhistas. Distante do tempo em que dois grandes acidentes ocorridos no local ainda repercutiam — o afundamento de uma canoa no percurso para a Ribeira e a colisão de dois trens, ambos com muitas vítimas fatais, há mais de 20 anos —, Plataforma hoje é palco de pequenas tragédias diárias, do-

cumentadas pela imprensa policial.

A revitalização da sua orla, totalmente poluída, e de um grande morro de vegetação densa — chamado o *pulmão* de Plataforma —, hoje às vésperas de tornar-se uma grande invasão, é outro sonho dos moradores.

Medo diário

Por enquanto, a comunidade sofre com o descaso dos poderes públicos e testemunha a transformação da grande vila operária em um local em que imperam violência e pobreza, onde a necessidade supera, todos os dias, o medo do risco. Isto é visto no momento de tomar o trem, de sentar na pracinha depois das 22 horas, ao se deixar as crianças brincar na rua ou mesmo quando se tenta, com bombas, tirar o alimento do mar. Bombas que garantem, ilegalmente, a sobrevivência e que ameaçam a estrutura da velha ponte metálica, cartão-postal do subúrbio ferroviário de Salvador.



Plataforma não escapa das dificuldades urbanas da periferia

Fim da velha tranquilidade

Escolas insuficientes, transporte precário, assaltos constantes, inexistência de áreas de lazer. Esta é a realidade do subúrbio de Plataforma. Mas nem sempre foi assim. No tempo em que a estrutura existente podia atender ao pequeno número de habitantes, a vida era mais fácil e boa de ser vivida, apesar dos poucos recursos dos moradores. Plataforma já foi sinônimo de tranquilidade, à beira de um mar verde e calmo, com ligação para as áreas centrais de Salvador através da estação ferroviária, onde se chega à Calçada, e das canoas que iam e voltavam da Ribeira.

As canoas desapareceram, os trens são inseguros e a vida não é mais tranquila, apesar de a paisagem

natural continuar tão bela quanto antes. Antigamente, dizem os moradores, a estação de trens vivia cheia de gente e, nas canoas, ia-se por todo o percurso "com a mão na água". Chegava-se em casa com segurança e havia integração com moradores de outras áreas do subúrbio, que também usavam os trens e embarcações. Os estudantes, na sua maioria, freqüentavam colégios na Ribeira, como hoje. Só que, sem os barcos, agora são obrigados a ir de ônibus, pagando mais caro e sem o encanto de outros tempos. Muita gente, por necessidade, arrisca-se a viajar de trem nas primeiras horas da manhã, exposta a assaltos, já que não existem mais bilheteiros. Vão sozinhos, só com o maquinista.



Linha férrea teve no passado maior significado no transporte de passageiros